

**A CIDADE EM MOVIMENTO:
Experiência dos Trabalhadores - Migrantes
nas Favelas do Anel Viário e do Bairro Lagoinha
em Uberlândia-MG (1990-1997)**

Rosangela Petuba*

O presente artigo tem como preocupação principal refletir sobre os trabalhadores migrantes residentes nas favelas do Anel Viário e do Bairro Lagoinha, suas experiências e trajetórias de vida, o que pensam a respeito da cidade e os registros dos jornais acerca das preocupações da comunidade com o fluxo migratório para Uberlândia. O objeto a ser estudado é o significado da experiência humana e a maneira pela qual o processo vivido contribuiu ou não na elaboração de novos valores.

O trabalho busca conhecer as expectativas que os migrantes tinham ao chegar à cidade e como estas foram reelaboradas no novo cotidiano dentro das novas relações com as quais eles tiveram de lidar buscando a resolução de problemas como: sobrevivência, trabalho, segurança, educação e moradia.

O desvendamento do processo migratório no prisma dos próprios trabalhadores migrantes, tornou possível perceber a existência de outros projetos, significações e vivências em torno da migração, tais como: a busca de educação, saúde, lazer, trabalho, segurança, entre outros, contribuindo para a compreensão do próprio fazer-se desta cidade.

Foi preocupação desta pesquisa perceber também a intervenção que eles produzem nesse novo espaço físico-social, bem como problematizar a situação de vida em seus locais de origem, as representações sobre a terra, a casa, a propriedade, o trabalho e em quais circunstâncias ocorri-

* Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia/MG, professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR.

am. Os valores evocados das reminiscências de outrora e o que representam hoje.

A perspectiva da existência de um discurso histórico e cultural elaborado pelas elites que pretende fixar categorias históricas locais, tentando ao mesmo tempo absorver e integrar a elas os outros diferentes sujeitos que vão surgindo e constituindo a cidade também foi pressuposto básico deste trabalho.

É necessário ressaltar primeiramente o fato das entrevistas terem sido realizadas num quadro de desfavelamento nas duas áreas pesquisadas; sendo que muitas famílias foram retiradas e reconduzidas a seus locais de origem, enquanto outras aguardavam decisão da Prefeitura em relação a concessão de lotes de terra; este fato obviamente influenciou na realização dessas entrevistas, pois os entrevistados partiam de uma situação complexa no presente para buscar em suas trajetórias a justificativa de seus desejos, direitos e necessidades para permanecerem em Uberlândia. Sendo assim levou-se em conta a possibilidade desses depoimentos estarem marcados pelas pressões do momento.

Para a maioria dos entrevistados a vinda para Uberlândia aconteceu tendo como perspectiva "a busca de melhorias", entretanto, essa busca não engloba apenas oportunidades de emprego, ela se expressa também na procura de outros valores, que não passam única e exclusivamente pela situação econômica.

Gercino, 44 anos, saiu de Arco Verde-Pe foi de carona para São Paulo com a mulher e os quatro filhos e expressa um pouco dessa procura em sua fala:

Eu vim de carona e cheguei até São Paulo, de São Paulo não gostei porque fui roubado três vezes, vim embora prá Uberlândia, e Graças a Deus aqui eu tô tendo sossego, entendeu?¹

Maria Divina que morava em Itumbiara-GO, aponta:

Aqui em Uberlândia vou conseguir o estudo deles (os filhos) todinho (...) mas só que lá dentro de Itumbiara, eles não ia conseguir, ia ficar burro prá toda vida, nem professora lá tá existindo.²

¹ Depoimento dado à autora por Gercino Bezerra, Favela do Anel Viário, Uberlândia, abril de 1995.

² Depoimento dado à autora por Maria Divina dos Santos, Favela do Lagoinha, Uberlândia, abril de 1995.

Neste processo o local de origem é lembrado pelas dificuldades na obtenção de alimentação, dinheiro, enfim pela precariedade da vida. O local que se deixou não traz para maioria boas lembranças. Por serem quase todos provenientes da zona rural apontam a exploração dos patrões, a escassez do serviço e o medo de ver os filhos passar fome como fatores da escolha de migrar:

Aí eu pensei na minha cabeça e quando essa casa de farinha fechá ? quê que é de meus filhos? aí deu um plano assim de eu entrá no mundo.³

José Bento (Betim), morador da Lagoinha e natural de Jequitinhonha-Mg, aponta outras dificuldades:

Eu trabalhava lá fora e eu dormia sem janta, num foi um dia nem dois não, trabalhei quatro anos prá Prefeitura,, maior parte era dormir sem comer e molhado no mato, bater enxadão, ficar carregando carrinho de terra, prá servir prefeitura, governo e eu na mão.⁴

Nos relatos dos migrantes uma série de conflitos, particularidades, memórias e vivências vão aflorando. O local de origem é relembado à medida que a comparação com Uberlândia se apresenta e, apesar de todos dizerem que morar em Uberlândia é bem melhor, percebe-se algumas contradições, quando vem à tona a lembrança dos familiares e amigos deixados para trás.

A experiência da migração surge como fator de mudanças nos valores e comportamentos devido à falta de apoio, a desmoralização, a ausência dos familiares e a própria solidão vivida:

Até os dezoito anos, se nêgo abrisse a boca prá mim eu tava entrano com ele na faca, no tiro porque eu tinha apoio, né? do véio meu pai que era um grandão dos homem lá (...) e hoje eu me sinto sozim porque devido eu morar aqui nessa favela a minha família é afastada de mim.⁵

Esses depoimentos questionam a idéia da migração como um mero deslocamento espacial modificador dos quadros demográficos, sociais, econômicos e políticos do país, para além disso, ela se configura como

³ Depoimento dado à autora por Margarida Brás da Silva, Favela do Anel Viário, Uberlândia, maio de 1995.

⁴ Depoimento dado à autora por José Bento (Betim) Queiroz, Favela do Lagoinha, Uberlândia, abril de 1995.

⁵ Gercino Bezerra, abr./1995.

um processo que envolve opções individuais, valores, afetos provocando mudanças na maneira de sentir e viver das pessoas.

Durval Muniz⁶ faz a crítica aos estudos empreendidos sobre a migração que tendem a enveredar pela teoria da marginalidade pela qual a tendência é apenas inquirir sobre a integração ou não deste migrante a sociedade e a funcionalidade da mesma, pois "este tipo de abordagem perde de vista o migrante como autor de sua própria conformação, assimilação pela sociedade ou não".

Tais estudos consideram esta integração ou marginalização quase sempre incluída nas condições materiais, nas condições econômicas e sociais deste trabalhador e da cidade que o está recebendo. O migrante como autor de sua história, capaz de atuar sobre estas condições e modificá-las ou até reforçá-las, é praticamente ignorado.

A tentativa de encarar o processo de migração como um movimento mais amplo, inserido dentro de todo um contexto social e também como fruto de escolhas, opções, sonhos, sentimentos e expectativas de uma vida diferenciada configura-se num esforço de fazer falar os silêncios reais através das experiências daqueles ao se movimentarem pelo país trilhando dias melhores para si e para suas famílias constituíram um movimento social tornou-se pauta do dia nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil.

Assim, a vinda para Uberlândia está muito associada à imagem construída pela mídia:

Uberlândia é falada no Brasil inteiro, de bom nada de ruim, o povo vê em rádio, televisão, que Uberlândia é bom, é isso é aquilo e parte Uberlândia e o Ferolla (prefeito) não vai dar conta de tirar não.⁷

Esse processo também passa pelas imagens formadas sobre a cidade através de relatos de parentes e conhecidos nela residentes ou por ocasião dos passeios nos quais a maioria dos entrevistados, encantada com a cidade grande passava a acalantar a idéia de que em Uberlândia, a vida seria mais fácil e mais promissora.

Entretanto os depoimentos também demonstram que estas vivências criaram novas representações, não apenas da cidade grande, mas também de seus locais de origem, ou seja, ao partir do presente os mi-

⁶ MUNIZ, Durval. **Para aí Bahianos!?: Cultura Tradicional e Identidade de Classe:** (Rio de Janeiro e São Paulo 1920 - 1950). São Paulo: UNICAMP, 1989. (Projeto de pesquisa, Mestrado).

⁷ *Idem.*

grantes falam tendo incorporado novas experiências e fazendo releituras. O passado interessa quando evocado para estabelecer comparativos.

Nas falas, a vinda e a permanência em Uberlândia, o ir morar na favela e as relações estabelecidas a partir desse referencial, se dão num universo contraditório de expectativas e percepções e na medida em que os depoimentos se desenvolvem, vários pontos existentes no discurso da imprensa local ou proveniente do poder público municipal são questionados ou abordados sobre outra ótica.

Enquanto a imprensa local aponta a favela como lugar de moradia de pedintes, mendigos e trabalhadores desqualificados vindos de outras cidades, as falas dos migrantes apontam outro quadro.

José Brito, morador do Anel Viário a quatro anos, é natural de Itumbiara, mas já mora em Uberlândia a vinte e cinco anos. Na sua trajetória de vida, narra que já trabalhou fichado como vigia, guarda-noturno, pedreiro, cuidou de fazendas, trabalhou no DMAE (Departamento Municipal de Água e Esgoto), e só foi morar em favela quando perdeu o emprego e logo depois ficou doente,

a maior parte desses edifício, trabalhei neles todos, construindo, trabalhei nessas portarias, trabalhei de guarda, fiz muito serviço dentro de Uberlândia, eu ajudei a fazer esta cidade.⁸

Para ele e para quase todos os outros entrevistados, a opção por morar na favela aconteceu diante da impossibilidade de pagar aluguel ou adquirir um lote, porque

comprar uma casa lá nesses conjuntos, prá dá uma entrada, terminar com vinte e cinco anos de prazo, ninguém dá conta, e outra comprar terreno também, qualquer terreno aqui e 4,5,6 mil reais, ninguém dá conta com esse salário mixado.⁹

A referência ao salário mixado descortina uma outra questão: a idéia de que o favelado trabalha, mas ganha pouco, sendo assim, a favela não aparece como local de pedintes, e sim de trabalhadores expropriados da condição pagar por uma casa e de "morar na cidade".

De todos os migrantes entrevistados nas duas favelas, apenas dois não trabalham, isso por problemas de saúde.

⁸ Depoimento dado a autora por, José Ferreira Brito, Favela do Anel Viário, Uberlândia, maio de 1995.

⁹ *Idem.*

Gercino (Anel Viário) e Betim (Lagoinha) trabalham com carroça sendo que o último desempenha também a função de guarda-noturno.

Valdivino (Lagoinha) também trabalhou como guarda-noturno e foi despedido quando o salário aumentou para cem reais, agora trabalha catando papel carregado com a "motinha" comprada com os direitos recebidos por ocasião da dispensa do último serviço.

Eurípedes (Lagoinha), trabalhou vinte anos como picolezeiro em Uberaba, pediu demissão por ganhar pouco e veio para Uberlândia para arrumar emprego e incentivar seus dois filhos rapazes a fazerem o mesmo e estudarem, mas logo que chegou aqui adoeceu de hepatite e não pode mais trabalhar. Sua esposa é faxineira numa empresa de construção civil.

Margarida (Anel Viário) era empregada numa casa de fazer farinha em Garanhuns -PE, onde sua função e a de suas crianças era "raspar mandioca o dia inteiro"; veio para Monte Alegre - MG morar com o filho casado onde foi bóia-fria nas roças de abacaxi. Logo que chegou em Uberlândia foi atropelada e não pode mais trabalhar, não é aposentada.

Cidinha, filha de Margarida, atua como doméstica a quase três anos e faz a quarta série do ensino básico.

José Brito (Anel Viário) trabalhou vinte anos como pedreiro, vigia e porteiro em Uberlândia. Hoje, vive de fazer bico:

É uma empresa, é o que aparece, um quintal, um empreita, outras vezes corto um cabelo...

Ele que não se considera um migrante, relata que aqueles vinham arrumar serviço,

Uns trabalhava com carroça de cavalo, outros apanhava papel, outros catava ferro véio, outros de guarda, outros ficava à toa, tinha todo tipo de meio de vida.

Os trabalhadores migrantes aparecem na fala dele como gente simples que lutava com esforço para defender o pão de cada dia.

Diferente das versões correntes na imprensa e das informações veiculadas pelas autoridades locais nas quais a favela aparece como "núcleos composto por marginalizados, principalmente por razões econômicas, vivendo em quase total promiscuidade (...) cujos padrões éticos e sociais se formam por um código anômalo, baseado na frustração e na

revolta"¹⁰, nos depoimentos do favelados, ela se apresenta como um local onde moram trabalhadores: "tem os marginais sim, mas a maioria é trabalhador"¹¹.

Surge também como o lugar reservado àqueles que se aventuram à cidade grande, mas que não possuem os pré-requisitos necessários para a obtenção de uma dada cidadania (termo aqui utilizado para designar acesso às benfeitorias que a cidade oferece):

Agora a pessoa também que não tem boa profissão, não tem estudo, vim prá cidade, só vem prá penar, num dá conta de construir, num dá conta de pagar aluguel, só sobra favela.¹²

A fala parece decifrar uma lógica existente das cidades grandes; a definição e a demarcação dos espaços geográficos de acordo com as posições sociais e econômicas. A favela aparece para esse trabalhador-migrante como único espaço acessível e com condições de sobrevivência dentro dessa lógica,

Porque a vida ficava mais fácil, num pagava aluguel, num pagava água, num pagava luz,, tudo que ganhava dava prá ir passando, né? qualquer servicinho...¹³

O morar na favela se concretiza quando se torna a única opção de continuar vivendo na cidade grande, a moradia deixa de ser o valor preponderante e outros vêm à tona, principalmente quando se retoma a vida no local de origem.

Margarida (Anel Viário), morou em Monte Alegre - MG antes de vir para Uberlândia, relata a experiência que a levou a mudar de cidade:

Lá não tem nada de serviço, lá os homem é tudo parado, lá não se fala em trabalhá porque não tem serviço, então eu fiquei nervosa, pagando aluguel de casa sem ter o que comer, também não adianta ,né? aí eu botei meus filhos em cima dum carro que me trouxe até aqui.¹⁴

Maria (Lagoinha), conta que tinha casa em Ituiutaba - MG, onde morou cinco anos, depois vendeu tudo para vir morar em Uberlândia,

¹⁰ NASCIMENTO, Dorivaldo Alves. **O drama da Favela e do Favelado**. Uberlândia: 1982, mimeo. Trabalho apresentado e discutido na Câmara Municipal de Uberlândia.

¹¹ Gercino Bezerra, mai./ 1995.

¹² José Ferreira Brito, mai./ 1995.

¹³ *Idem*.

¹⁴ Margarida Brás da Silva, mai./ 1995.

chegando aqui foi direto para a favela e construiu seu barraco com material ganhado e achado no lixão, "nós viu que aqui tinha jeito de viver, de tratar dos menino, dá o estudo dos menino melhor..."¹⁵.

Neste campo de representações que aparecem mais nitidamente as imagens sobre a cidade de Uberlândia e sobre a favela. Os depoimentos demonstram as contradições e ambigüidades, reafirmando-a complexidade das relações vivenciadas.

Apesar da narrativa dos problemas enfrentados na cidade: a dificuldade de se conseguir emprego nas empresas e nas casas de família, vagas nas escolas, acesso ao centro da cidade, tudo isso aliado à falta de conforto, serviços básicos e o cotidiano violento das favelas, nota-se em muitos momentos, a existência de uma certa distinção entre a boa cidade de Uberlândia e a favela.

Uberlândia é uma beleza, não estraga nada, é uma maravilha!¹⁶

A contradição é evidente na fala de Margarida, pois mesmo afirmando o fato de arrumar serviço em Uberlândia, ela informa também a necessidade de fornecer o endereço errado para conseguir colocação, além de que "Uberlândia é grande demais, quando a gente vem arrumar emprego, é difícil demais...".

Prá arrumar escola e prá arrumar emprego, prá quem vem de fora é mais difícil, porque eles precisam saber mais ou menos, quem é aquelas pessoas prá poder colocar naquele serviço ou naquela escola.¹⁷

Para Gercino, Uberlândia é diferente de São Paulo onde, "teve serviço é prá arrumar, agora aqui em Uberlândia se ocê chegá na porta d'uma firma e falá assim... eu moro na favela, pronto...nós num tem mais vaga".

Assim, há o entrecruzamento de dois discursos diferenciados, um que coloca Uberlândia como uma cidade perfeita, plena de oportunidades de trabalho, ascensão social; muito próximo daquele transmitido pela imprensa local e um outro contestador e questionador dessa imagem, partindo de um referencial criado a partir da dureza das condições de vida enfrentadas.

¹⁵ Depoimento dado à autora por Maria, Favela do Lagoinha, Uberlândia, abril de 1995. Esta entrevistada não autorizou a utilização de seu nome verdadeiro no texto.

¹⁶ Gercino Bezerra, mai./1995.

¹⁷ Margarida Brás, mai./1995.

Entretanto observa-se que essa imagem de Uberlândia como sendo portadora do atributo da modernidade e que vive desde sua fundação uma "infindável época de ouro" não parece ser uma construção recente¹⁸, mas a partir da década de 70, a imprensa local vai trabalhar como dois discursos diferentes e aparentemente contraditórios.

O primeiro persiste na reafirmação de Uberlândia como sendo um pólo desenvolvimentista:

O desenvolvimento de Uberlândia é hoje uma realidade tão latente que embora os meios de comunicação façam sua divulgação em caráter precário, já chegou aos ouvidos de diversos grupos financeiros que querem investir seu dinheiro em lugares progressista.¹⁹

O segundo aponta para aquilo que a imprensa local iria chamar de sérios e complexos problemas municipais: as favelas, apontadas como um mal da cidade que cresce, e mais interessante, sinalizando o fator considerado como razão da existência dessas favelas:

Felizmente esses núcleos paupérrimos não tem crescido ultimamente, graças ao trabalho de erradicação da mendicância. Verifica-se, portanto, que é raro o aparecimento de novos favelados, pois de outras cidades não permanecem pedintes em Uberlândia.²⁰

A coexistência desses dois discursos e a contradição entre a cidade que se desenvolve tendo como realidade "pedintes de outras cidades" e favelados, não era um problema vivenciado somente por Uberlândia na época.

Durante os anos 70, o país vivia a euforia do chamado milagre econômico brasileiro, quando governo e empresários exultavam as taxas de crescimento da economia brasileira. As condições políticas e sociais que viabilizaram este fato, haviam sido desenvolvidas sob os auspícios da ditadura militar e segundo Nadine Habert²¹, o milagre econômico susten-

¹⁸ Acerca desta afirmação ver: ALEM, João Marcos. Representações Coletivas e História Política em Uberlândia. **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia, n.º 04, jan./jun. 1991. P.79-102. Neste artigo, o autor aborda a construção da imagem e da representação de Uberlândia como uma cidade progressista, desenvolvimentista, através da elaboração de um discurso nativo que tem por objetivo incorporar e silenciar os novos sujeitos políticos emergindo, e tendem a colocar em xeque o poder político das elites locais.

¹⁹ Uberlândia desenvolvimentista. **Tribuna de Minas**. Uberlândia, n. 1312, 19/05/73.

²⁰ Locadores formam favelas. **Tribuna de Minas**. Uberlândia, n. 842, 29/07/72.

²¹ HABERT, Nadine. **A década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ática, 1992.

tou-se em três pilares básicos: o aprofundamento da exploração da classe trabalhadora, a ação do Estado garantindo a expansão capitalista e a entrada maciça de capitais estrangeiros.

Para a classe trabalhadora o grande milagre foi sobreviver. Para os migrantes expulsos do campo e de cidades menores, a cidade grande continuava sendo a saída.

No que concerne ao campo específico das migrações internas já desde 1967, por ocasião do Decreto Lei 200, o Ministério do Interior era encarregado de atuar no domínio da radicação de populações, ocupação de territórios e migrações internas e dedicou-se à realização de pesquisas e estudos que traçaram o perfil do fluxo migratório no Brasil determinando que entre 1967 e 1980 mais de um terço da população brasileira já se enquadrava na categoria de migrante interno, ou seja, já havia ultrapassado pelo menos uma vez a fronteira de seu município de origem.

Em Minas Gerais, no período de 1970\76, um milhão de pessoas haviam migrado se realocizando dentro das fronteiras do próprio Estado. O aparente paradoxo entre o crescimento acelerado da economia mineira e a expansão das correntes migratórias, parece parcialmente explicado quando se lança vistas sobre o *III Plano Mineiro de Desenvolvimento Econômico e Social*, onde os relatos afirmam que "percebe-se que a política industrial mineira seguida pelo Estado no período pós-1970, ao invés de levar a uma integração regional, parece ter acentuado os desequilíbrios regionais"²².

Dentro desta perspectiva, a inserção de Uberlândia no projeto desenvolvimentista do Estado brasileiro, era apontado como saída para absorver as forças ociosas resultantes do fluxo migratório.

Esse desencontro e incompatibilidade entre os projetos públicos governamentais e a condições concretas vivenciadas pelos trabalhadores, entre a imagem de Uberlândia como a cidade do desenvolvimento, do progresso e a existência de favelados não passa despercebido nos depoimentos, pois, ainda que de forma aparentemente ingênua, a favela surge na percepção dos depoentes como algo incompatível com uma cidade do "porte e beleza" de Uberlândia:

²² Falência das grandes cidades tem causa nas migrações interna. **Revista do Comércio**. Belo Horizonte, n.13, 1980.

Nessa rodovia vem gente de tudo quanto é canto do mundo prá tá aqui, aí chega e vê um trem feio desse, é até um rebaixamento prá cidade, uma cidade dessa, famosa, bonita...isso num tá certo não...²³

Em outros momentos, ela se apresenta como frutos de desigualdades sociais, apontando como uma solução para o problema a extensão para a favela de todos os benefícios que a cidade parece oferecer a seus outros moradores:

Então favela é o seguinte, é eles dá uma chance da gente viver melhor, pôr uma energia, pôr uma água prá gente ter.²⁴

Os trabalhadores expressam em seus depoimentos a consciência de que o problema das favelas está inserido numa conjuntura maior e apontam alternativas demonstrando o reconhecimento da necessidade de um comprometimento das autoridades e de uma mudança de rumo no teor e implementação das políticas públicas nesse setor para a solução dos problemas por eles vivenciados. Essas percepções são forjadas nas vivências cotidianas que refletem quase sempre a privação e a exclusão dos mínimos direitos de acesso á cidade e na convivência com as incoerências entre o discurso e a prática implementados pela Prefeitura por intermédio da ação dos funcionários dos órgãos municipais responsáveis pelas questões referentes à moradia na cidade.

Porque não tem gente prá fazer limpeza na bica d'água que serve para a população toda (...) mas tem fiscal prá olhar a gente, prá olhar se faz barraco, se faz isso ou aquilo...²⁵

O acesso aos serviços básicos, principalmente à água, é apontado nas falas dos moradores das duas favelas. Ela toca direto na questão da falta higiene e conseqüentemente da saúde, principalmente das crianças. Nas duas favelas, as pessoas entrevistadas demonstraram grande preocupação com as sujeiras na água, sendo obrigadas a pedir água limpa para beber nas casas vizinhas - o que muitas vezes é negado - e a fazerem da cavação de cisternas uma prática comum, fato este que retoma práticas utilizadas com freqüência nos locais de origem.

À medida que os depoimentos fluem outras dificuldades do dia a dia vão emergindo:

²³ Gercino Bezerra, mai./1995.

²⁴ *Idem.*

²⁵ José Brito, mai./1995.

Tem dia que até o gás acaba e nós não tem dinheiro de pagar, tem que cozinhar na lenha, na fumaça, igual cozinha lá no Nordeste véio mesmo.²⁶

Neste ponto, os migrantes expressam que em muitos aspectos a busca de melhorias foi frustrada. Essa frustração se expressa no relato das coisas simples e cotidianas, fazendo-nos perceber a teia de valores e perspectivas de vida existentes na migração como um emaranhado de valores, afetos e desejos nem sempre decifráveis num simples golpe de vista ou numa apressada teorização economicista. Esta teia não poderá ser, pelo menos parcialmente, destrinchada sem a possibilidade dos sujeitos envolvidos retomarem suas trajetórias de vida através de suas falas, mesmo reconhecendo que estas trazem fatos relidos e reelaborados por experiências posteriores.

Assim sendo, é no campo das vivências concretas que os trabalhadores migrantes vão elaborando novas representações sobre o viver e o morar na cidade de Uberlândia. Tarefa realizada no cotidiano das relações estabelecidas com os vizinhos da favela ou de bairros próximos, com os parentes, no trabalho, na escola e com as autoridades, fiscais da prefeitura, assistentes sociais, entre outros.

Dentro desse campo de relações estabelecidas e das contradições existentes, eles vão construindo sua identidade, quem são, que espaço ocupam e quais as possibilidades de atuação e intervenção dentro deste espaço.

Nas relações estabelecidas com os vizinhos da própria favela, podemos perceber variações de intensidade ocorridas devido ao grau de confiabilidade e simpatia. Elas envolvem distinções entre os próprios favelados, tendo por base a elaboração de valores sobre caráter, decência, honestidade e solidariedade presente ou não nas ações de uns para com os outros.

O depoimento de Gercino evidencia a existência dessa noção de solidariedade, cumplicidade e seu peso nas relações cotidianas da favela. Ele ganhou fama de dedo-duro e ficou mal falado entre os vizinhos quando avisou para os fiscais da Prefeitura, que estavam sendo construídos novos barracos no Anel Viário.

Se ela (favela) souber que qualquer um foi conversar qualquer coisa sobre (...) a respeito daqui da favela, já começa a xingar por aí pra todo mundo (...) aí eu fico meio indeciso, né? num sei se ajudo a parte emi-

²⁶ Gercino Bezerra, abr./1195.

grante ou se ajudo a Prefeitura, porque aí fica pesado pros dois, né? mas eu creio que levo mais vantagem ajudando a Prefeitura que ajudando os emigrantes, eu acho que eu tenho mais vantagem em ajudar quem me ajuda, do que quem não me ajuda em nada, né?²⁷

Para alguns envolvidos nestes jogos a proximidade e a conquista de confiabilidade na Prefeitura é uma forma de aumentar as chances ganhar de um lote de terra,

Eu num tem nada a ver, eu faço a minha parte, eles não quer ajudar em nada, eu faço a minha parte (...) porque amanhã ou depois num é possível que pelo menos o Ferolla (prefeito) num tenha consciência que tem um emigrante que ajude ele, né? então eu ajudo ele em qualquer coisa.²⁸

Essa disputa está no bojo não só das atitudes assumidas face à Prefeitura, mas também nas diferenciações que os favelados efetuam entre eles mesmos. Prova disso, é a divisão da favela do Anel Viário feita pelos próprios moradores em: abaixo e acima da bica d'água.

A parte de cima é formada pelos mais novos e a de baixo pelos mais antigos, estes dois termos aparecem nas falas como indicadores de maior ou menor direito ao lote de terra. Essa noção parece estar muito ligada ao próprio procedimento de desfavelamento da Prefeitura, quando esta diz só conceder lotes ou pelo menos assegurar a permanência dos barracos no local àqueles que possuem mais de três anos de moradia em Uberlândia.

Muito expressivo neste sentido é a postura de José Brito que, em primeiro lugar, não se considera mais um migrante por já morar em Uberlândia a vinte e cinco anos - os migrantes aparecem em sua fala sob o pronome "eles" e não "nós" - e depois passa a citar toda uma lista de motivos por continuar morando na favela, enquanto tantas famílias já foram retiradas. Praticamente toda sua fala caminha no sentido de demonstrar fatos e documentos²⁹ que o caracterizam como um "uberlandense de fato": ele se casou, teve suas filhas e as registrou em Uberlândia, vota em todas as eleições, tem a carteira profissional toda cheia de assinaturas, ajudou a construir quase todos os prédios que existem hoje na cidade, tem

²⁷ *Idem.*

²⁸ Gercino Bezerra, mai./1995

²⁹ Enquanto falava José Brito foi buscar , em uma sacola, muito bem guardados todos os seus documentos tirados em Uberlândia dando ênfase principalmente à sua Carteira de Trabalho toda assinada.

seu nome limpo com as autoridades, serviu o Exército aqui, isso tudo além de possuir cartas de apresentação.

Evidencia-se a assimilação de um discurso muito particular elaborado pela Prefeitura na criação dos critérios para quem tem ou não direito à cidade, ou seja, de receber o estatuto de "cidadão uberlandense", via concessão de lote ou permissão para continuar morando nas áreas favelizadas.

Segundo o João Marcos Alem³⁰, a elaboração de um discurso sobre o "nativo" em Uberlândia remonta à própria fundação do município e visou desde o início manter a cidade e seu desenvolvimento no controle das elites locais.

Neste discurso o que existe em Uberlândia são apenas conturbações sociais e não processos políticos de luta; os sujeitos emergentes da experiência da cidade que cresce são escamoteados, dissimulados em relações predeterminadas e desaparecem nos discursos subjacentes a essas relações.

A cidade é aberta e generosa para quem trabalha, valoriza a família e a vida em comunidade, ou seja, quem está inserido e nunca perturbou a ordem: trabalhou, casou, constituiu família e tem o nome limpo.

Uberlândia sempre foi uma cidade aberta. O indivíduo chega aqui e ninguém pergunta de onde ele veio, mas o que ele faz. Se é trabalhador integra-se a cidade em pouco tempo...³¹

Está claro o fato de que a cidade reserva seus espaços a quem sempre viveu de acordo com os mecanismos por ela ditados. A noção de cidadania é concebida como algo estreitamente vinculada à ideologia dominante presente no discurso local e não como um direito universal a condições de vida digna.

Mas para além desse caráter de posicionamento favorável ou não aos interesses da Prefeitura, a questão da solidariedade assume outras formas no dia a dia dos trabalhadores.

Na favela do bairro Lagoinha, a presença dessas "relações de solidariedade", aparece com mais frequência nas falas e se expressam, entre outras práticas, na ajuda mútua, nos empréstimos de comida, almoços de fins de semana, participação em cultos religiosos nas casas dos vizinhos e na divisão de luz elétrica a partir de um único padrão.

³⁰ ALEM, João Marcos, 1991, p. 81.

³¹ **Revista Flash**. n. 10, set. 1988.

Se chegar um aqui agora e disser "Ô Betim, eu tô sem arroz lá em casa, você me arruma um pouco de arroz prá eu dá pros meus filhos"? Eu tenho ali ó, eu arrumo prá ele (...) e esse aqui dá favela mesmo, você pode beirar e dizer: "ô gente me arruma um pacote de café", todo mundo te arruma.³²

Betim cria porco e galinha no fundo de seu quintal e quando mata um "porquinho" dá um pedaço de carne para os vizinhos e chama os amigos prá comer um pedaço de carne assada.

D. Maria, apesar de afirmar ao se referir aos vizinhos que é cada um na sua "a gente não vai muito com o tipo das pessoas", também lembra "eu fui a primeira que tive energia e cedi energia prá todo mundo, aí na hora de pagar, todo mundo ajuntava e pagava"³³.

A existência de relações coletivas firmadas em laços de vizinhança e ajuda mútua, não parece ser levada em conta pelas autoridades locais no momento de elaborar e implementar projetos de desfavelamento, quando segundo o Secretário Municipal de Planejamento, Sérgio Vieira, "os favelados são colocados dentro da malha urbana para melhor se integrarem"³⁴, o que significa dizer são distribuídas por vários bairros da cidade. Resta saber, quais as conseqüências bem como, as reais intenções e eficiência dessas ações.

No que concerne às relações estabelecidas com os moradores da cidade, há aquelas inseridas num campo específico sobre o qual gostaria de tecer algumas considerações no momento: o da assistência social.

Esta relação aparece em quase todas as entrevistas, e sua existência influi decisivamente na construção, por parte dos migrantes, da imagem de Uberlândia como uma cidade boa e generosa:

A cidade aqui é muito boa, muito rica, e ela tem muita gente boa que gosta de ajudá os outros, ajudá com alimento, ajudá com roupa, calçado (...) vem dar cesta prá gente, como que a gente num vai gostá dum lugar assim?³⁵

E a idéia está presente também nos depoimentos dos moradores do Anel Viário,

³² José Bento (Betim), abr./ 1995.

³³ Maria, abr./ 1995.

³⁴ **ENCONTRO NACIONAL DA ANSUR** (Associação Nacional do Solo Urbano), 1996, UFU, Uberlândia.

³⁵ Maria, abr./ 1995.

Quando cheguei aqui a minha sorte foi primeiramente Deus e o pessoal daqui de Uberlândia, era toda semana trazendo cesta.³⁶

Além da ajuda de comida, roupas e calçados os moradores nararam outros tipos de ajuda muito presente: um carro para levar no médico em caso de urgência, ajuda com o material de escola dos filhos, no enxoval para os recém-nascidos e até mesmo, a assistência no campo espiritual que aparece nos cultos feitos em suas casas por pessoas que dão conselhos e falam coisas boas.

A prática da assistência, entretanto não parece num discurso isento de contradições. Os entrevistados demonstram, em muitos momentos, a clareza de que esta é uma ajuda paliativa e não muda a base da sua situação .

A turma vem traz umas coisinhas prá nós, prá ajudá na despesa, isso e aquilo; mas outro conforto? num tem rádio, num assiste uma televisão, né? a gente não vive , vegeta.³⁷

Outro aspecto a ser considerado ainda no campo de assistencialismo é o fato do aparente suprimento das deficiências das políticas públicas da prefeitura pela ajuda recebida dos setores da sociedade. Em outros momentos estes dois fatos parecem se justificar ou até mesmo se confundir.

Ao relembrar o processo de desfavelamento de algumas famílias do Anel Viário, reconduzidas a seus locais de origens em caminhões cedidos pela Prefeitura, José Brito diz que não houve covardia e que o povo da favela "foi muito bem ajudado". Ao ser questionado sobre a ajuda da Prefeitura aos favelados sua resposta é ambígua:

Ajudou (...) o povo da prefeitura , esses povo das empresas, o povo da Legião da Boa Vontade, aqui vinha cesta e mais cesta, vinha muito trem prá esse povo, foi muito bem ajudado!"³⁸

A confusão entre os papéis das autoridades locais (mais especificamente da Prefeitura) e o de pessoas ou grupos da sociedade civil, não é novidade quando se faz uma análise mais detalhada acerca das representações políticas locais ou quando se atenta para a existência de um discurso divulgado pela própria imprensa local, que associa poder público e

³⁶ Margarida Brás, mai./ 1995.

³⁷ Gercino Bezerra, mai./1995

³⁸ José Brito, mai./1995.

político ao carisma pessoal e elege figuras de altas condições para a luta política na cidade.

Ao analisar a história política de Uberlândia, João Marcos Alem³⁹, aponta duas tendências. A primeira supõe relações sociais fundadas nos laços comunitários e familiares e estabelecem um sistema de dominação direta e pessoal, prevalecendo nos locais onde não predominam os mecanismos de controle do Estado Moderno, ou pelo menos, estão presentes, mas são acessórios. Em resumo, as ações políticas são fundadas no carisma das lideranças, no status dos proprietários, nas concessões de favores enfim, em um sistema de prestações e contra-prestações de serviços no qual as tensões estão profundamente ocultadas havendo possibilidades escassas de emergirem à consciência dos dominados⁴⁰.

Na segunda tendência, o discurso é revisto adequando-se à modernidade urbana, e tanto na questão política quanto na questão urbana há que se lançar mão de recursos institucionais.

Se por muitos momentos persiste a concessão de benefícios tomando o lugar das políticas públicas coerentes com a extensão do problema, também há ocasiões em que o poder institucional se manifesta para garantir as exigências da cidade que promete ser metrópole. Nesse momento criam-se critérios para a permanência na cidade, que vão desde o tempo de moradia até o título de eleitor, fazem-se exigências de declarações de tempo de escolaridade e não propriedade de bens imóveis em outro lugar.

É no campo da experiência do desfavelamento que todas essas vivências vêm à tona, onde toda a carga das contradições se apresenta com muito mais força e se expressam na linguagem dos migrantes favelados.

Partindo da experiência atual do desfavelamento, a trajetória da migração é retomada desde a vida no local de origem, a vinda para a cidade e a moradia nas favelas. Essas lembranças são retomadas em momentos diferentes seja para representar, tecer comparações, justificar ou clarear o momento presente.

O relato dos migrantes não retoma esta trajetória de forma linear e a leitura do passado depende sempre da posição assumida no presente, é assim por exemplo, que o local de origem volta nos depoimentos, quando

³⁹ ALEM, João Marcos, 1991, p. 81.

⁴⁰ CARVALHO FRANCO, M. S. de. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. 3 ed. São Paulo: Kairós Livraria Editora, 1983, p. 88.

no momento do desfavelamento, surge a questão do direito de continuar ou não morando na favela em Uberlândia.

A exigência da Prefeitura consiste em se comprovar estar morando na cidade a mais ou menos três anos, não ter imóveis em outros lugares, ter os filhos na escola.

Quase todos os entrevistados que demonstram a esperança de ficar na cidade e ganhar um lote de terra, passaram pelo processo de arrumar as diversas declarações contendo as informações requeridas e entregá-las à Prefeitura.

Outro dado importante é que esta não parece ser a primeira vez que a Prefeitura tenta desocupar a áreas favelada

Betim, morador da favela do bairro Lagoinha a oito anos, contou-nos que durante um tempo ficou lá apenas para vigiar a área, naquela época desocupada, mas logo em seguida ela foi enchendo de barracos novamente.

Para Gercino, morador do Anel Viário, o projeto de desfavelamento levado à cabo pela Prefeitura aparece como inútil. As ineficiências das práticas públicas nesta questão são denunciadas na fala simples:

Se acabá aqui, tira essa turma daqui, vem outros emigrantes de fora, num tem condição de alugá casa, vai e monta em outro lugar ou talvez nesse mesmo, né? aí num tem condição, eles tem que vê isso aí, tem que dá um jeito de quando montá uma favela, eles arrumá uma luz, eles arrumá uma água suficiente...

O direito a ficar em Uberlândia incorpora no campo das representações toda a carga do discurso de ser um "uberlandense de fato", pois estes são realmente aqueles a quem a Prefeitura deve apoiar

Porque esse tanto de gente assim se a Prefeitura fosse dá terreno prá deles tudo, vier encheno de gente... eles tinha mais obrigação é de cuidar dos pessoal que era daqui mesmo...é filho daqui, às vezes tem filho estudando aqui, às vezes fosse eleitor, cara que trabaiva de carteira assinada, mas esse pessoal que vem de fora, chegado, a Prefeitura num tinha que fazer nada com eles mesmo não...⁴¹

A esperança de conseguir um lote de terra é a tônica de todos os depoimentos e revelam um universo de valores, práticas e relações de força e poder vivenciados por esses sujeitos, principalmente com a Prefei-

⁴¹ José Brito, mai./ 1995.

tura Municipal explicitando ainda os desejos e significados embutidos no fato de morar numa cidade grande e/ou morar no sul do país.

Todo mundo tem vontade de ter um terreno aqui no sul, que prá eles acha que tendo um terreno aqui no sul é rico, mas não é não gente, aqui a vida é melhor do que lá, né? só que riqueza ninguém tem em lugar nenhum.⁴²

Eu desejo um dia, se Deus quiser ter um terreno prá eu mesmo dominá.⁴³

"Ter um cantinho para dominar", possuir de fato a propriedade de um terreno ou de uma casa é um anseio evidente em todas as falas, isto porque a moradia e a casa própria vão aparecer, no momento de se deixar a favela, como um estatuto de cidadania, a possibilidade de concretizar as expectativas que se tinha ao deixar o local de origem, não só no sentido de ter onde morar mas também de acesso ao conforto e às facilidades de viver numa cidade grande.

Em todos os depoimentos, principalmente os das mulheres, o desejo de ter uma casa também está relacionado ao fato de conseguir o conforto que a vida na favela não oferece, representado não só no acesso aos serviços básicos mas também na possibilidade de ter eletrodomésticos, poder arrumar a casa e receber visitas sem passar vergonha e inclusive na liberdade de poder sair de casa sem correr o risco de voltar e não encontrar nada.

A casa própria para estas mulheres aparece como a concretização de uma vida melhor e mais segura, mas também como a concretização de outros sonhos:

Imagino ela (a casa) bem bonita, mobiliada de um tudo...⁴⁴

A posse e a autonomia num lugar, poder morar e construir uma casa do jeito que se quer, perder o estigma de favelado e não viver sobre as vistas de um fiscal, aparece muito ligado à noção de liberdade, isto porque, a cidade e a vida na favela cria pressões e situações que muitas vezes trazem a vontade de ser mais livre:

⁴² Gercino Bezerra, mai./1995.

⁴³ *Idem.*

⁴⁴ Maria Aparecida (Cidinha) Silva, mai./1996.

Eu tenho muita saudade do tempo que o meu marido trabalhava no mato, porque lá eu era livre que nem um passarinho.⁴⁵

A Prefeitura aparece como o local onde esses trabalhadores depositam suas esperanças de conseguir um terreno.

A esperança que eu tenho primeiramente é que Deus me ajude e abaixo dele o Ferolla, que nós arrume um terreno prá nós morá.⁴⁶

Eu tô aqui esperando primeiramente a vontade de Deus, depois dela (Prefeitura) prá ganhar um terreno.⁴⁷

Tais afirmações tornam possível questionar as práticas políticas e o teor das relações paternalistas e de favoritismos desenvolvidas pela Prefeitura com as populações mais carentes da cidade, pois "o conseguir um terreno" sai do campo do direito de moradia e entra na perspectiva de concessão da Prefeitura para àqueles que já são considerados uberlandenses.

Entretanto estas ações não chegam a impedir que no campo das vivências da favela se construam práticas e discursos significativos de resistência e questionamento que burlam não só os critérios estabelecidos pela Prefeitura, como utilizam o processo de desfavelamento a seu próprio favor sem que este logre a alcançar os resultados esperados pelas autoridades.

Não (...) aqui é o seguinte, a turma resolve ir lá prá uma fazenda, resolve ir lá prá terra deles passar um tempo, aí pega o barraco dele e vende prá outro, né? então aquele barraco (...) o nego tá com a mesma esperança de vida, de fazer seis meses, um ano que aquele barraco é habitado ali naquele lugar, o cara tem esperança de ganhar um terreno.⁴⁸

O que permanece no lugar é o barraco e não os trabalhadores. Estes se recusam a ter sua mobilidade capturada, direcionada e racionalizada pelas diretrizes de Prefeitura e preservam seu direito de ir e vir, vão trabalhar nas fazendas, morar um tempo fora da cidade, sem que isto venha a se configurar no que se pode chamar de uma perda total de direi-

⁴⁵ Maria, Lagoinha, abr./1996.

⁴⁶ Gercino Bezerra, mai./1995.

⁴⁷ Margarida Brás, mai./1995.

⁴⁸ José Bento (Betim), abr./1995.

to, uma vez que este é transferido a outrem, por sua própria vontade e inclusive com ganhos financeiros.

Essa prática, inclusive já havia sido detectada e apontada pelos jornais locais na década de 70:

Pelas declarações da jovem senhora, os barracos são de propriedade de outras pessoas. Os inquilinos que vivem sem teto, assumem o compromisso do aluguel.⁴⁹

A concessão pela Prefeitura de um caminhão para levar os migrantes de volta para as suas cidades de origem, não assume uma conotação única ou um caráter definitivo. Os migrantes aceitam o transporte mas dentro de uma situação muito interessante:

Eu vou , mais daqui a tal tempo eu tô aqui de novo, eu vou só prá (...) tô com saudades do pessoal de fora, da terra natal...⁵⁰

Esse depoimento foi dado entremeadado de risos, quando Gercino explica como a saída da favela é encarada por alguns migrantes, deixando claro o fato deles utilizarem o caminhão dado pela Prefeitura para irem passear na cidade de origem, demonstrando resistência em ter suas trajetórias decididas por razões alheias aos seus modos de vida.

Neste ponto seria interessante retomar o trabalho de Durval Muniz⁵¹, no qual ele afirma que o sujeito em sua trajetória cultural se ajusta ao código, mas também muda-o, subverte-o, cria a partir dele, perde os laços primários mas estabelece outros, podendo inclusive não se ajustar, não se integrar, se marginalizar. Abandonando a perspectiva de um ajustamento obrigatório e percebendo os sujeitos enquanto tecelões que estão permanentemente redesenhando, movendo e recortando de forma diferenciada o tecido cultural para vesti-lo dependendo do lugar que se encontrem, ou seja, das relações empreendidas dentro do quadro social.

Essas relações sociais não são fixas, estáticas e mudas, pelo contrário elas surgem de um diálogo e ganham força nas expressões do sujeito, na sua maneira de falar, do cotidiano, do presente e do passado, na maneira como ele se situa, concebe suas possibilidades de atuação e intervenção dentro deste espaço, enfim, na maneira como sua memória

⁴⁹ Locadores formam favelas. **Tribuna de Minas**. Uberlândia, n. 842, 29/07/1972.

⁵⁰ Gercino Bezerra, mai./1995.

⁵¹ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Vidas por um fio, vidas entrelaçadas rasgando o pano da cultura e descobrindo o rendilhado das trajetórias culturais. **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia, n.º 8, jan/jun.1993. p.87-96.

surge enquanto expressão de opções de vida individuais, bem como experiências inseridas e constituídas dentro de um quando social mais amplo e complexo.

Nesta perspectiva desvenda-se a existência de um diálogo entre o trabalhador em movimento migratório e a "cidade" por ele escolhida, esta se materializa e se expressa não apenas na forma física dos prédios, praças, favelas, bairros e principalmente através das relações afetivas, sociais, políticas, econômicas, culturais que possibilita.

A cidade vai se constituindo, fazendo-se, colocando-se em movimento a partir dessas múltiplas trajetórias, pois os trabalhadores nas suas vivências cotidianas registram visões, significados, imagens, bem como tecem políticas de confronto e demarcação com esta cidade e com seus outros sujeitos sociais. Estes últimos também criam mecanismos geradores de práticas concretas em relação aos migrantes favelados que se expressam nos discursos orais e escritos, em posturas de aceitação, hostilidade ou indiferença e ainda como medidas políticas institucionais visando conduzir e reorientar perspectivas e reivindicações desses trabalhadores.

Assim, a abordagem da migração como causa ou consequência de um modelo econômico limita a percepção do processo histórico da migração no qual vários projetos políticos individuais e/ou coletivos se defrontam; facilitando a elaboração de análises deterministas, perdendo a oportunidade de resgatar através dos depoimentos e da memória a maneira como o ato de migrar, de morar na favela tomou corpo e se concretizou dentro de um campo de possibilidades diversas.

As experiências trazidas à tona nos depoimentos colhidos dos migrantes favelados demonstraram que se havia uma "tendência geral", ela afetou de maneira diferenciada e múltipla a vida desses trabalhadores. Estes se colocaram em movimento, trilhando caminhos diversos daqueles postulados pela razão burocrática das políticas públicas e se não podemos afirmar com exatidão que eles jamais reafirmaram ou se acomodaram ao teor dessas intenções políticas, também não seria prudente esquecer os vários momentos de recusa dos mesmos a serem movidos e esquadrinhados como peças num tabuleiro de xadrez numa lógica indiferente aos seus modos e projetos de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DEPOIMENTOS

- GERCINO Bezerra, Favela do Anel Viário. Depoimento dado à autora, Uberlândia, abril de 1995.
- JOSÉ Bento (Betim) Queiroz, Favela do Lagoinha. Depoimento dado à autora, Uberlândia, abril de 1995.
- JOSÉ Ferreira Brito, Favela do Anel Viário. Depoimento dado a autora, Uberlândia, maio de 1995.
- MARIA, Favela do Lagoinha. Depoimento dado à autora, Uberlândia, abril de 1995. Esta entrevistada não autorizou a utilização de seu nome verdadeiro no texto.
- MARIA Divina dos Santos, Favela do Lagoinha. Depoimento dado à autora, Uberlândia, abril de 1995.
- MARGARIDA Brás da Silva, Favela do Anel Viário. Depoimento dado à autora, Uberlândia, maio de 1995.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Vidas por um fio, vidas entrelaçadas rasgando o pano da cultura e descobrindo o rendilhado das trajetórias culturais. **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia, n.º 8, jan/jun.1993. p.87-96.
- ALEM, João Marcos. Representações Coletivas e História Política em Uberlândia. **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia, n.º 04, jan./jun. 1991. P.79-102.
- CARVALHO FRANCO, M. S. de. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. 3 ed. São Paulo: Kairós Livraria Editora, 1983.
- ENCONTRO Nacional da ANSUR** (Associação Nacional do Solo Urbano),1996, UFU, Uberlândia.
- HABERT, Nadine. **A década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ática, 1992.
- MUNIZ, Durval. **Para aí Bahianos!? Cultura Tradicional e Identidade de Classe: (Rio de Janeiro e São Paulo 1920 - 1950)**. São Paulo: UNICAMP, 1989. (Projeto de pesquisa, Mestrado).
- NASCIMENTO, Dorivaldo Alves. **O drama da Favela e do Favelado**. Uberlândia: 1982, mimeo. Trabalho apresentado e discutido na Câmara Municipal de Uberlândia.
- REVISTA do Comércio**. Belo Horizonte, n.13, 1980.
- REVISTA Flash**. n. 10, set. 1988.
- TRIBUNA de Minas**. Uberlândia, n. 1312, 19(05)73.

RESUMO

A Cidade em Movimento: Experiência dos Trabalhadores - Migrantes nas Favelas do Anel Viário e do Bairro Lagoinha em Uberlândia-MG (1990-1997)

Este artigo busca refletir sobre os trabalhadores migrantes residentes nas favelas do Anel Viário e do Bairro Lagoinha, suas experiências, trajetórias de vida, o que pensam sobre a cidade e o que os jornais registraram como preocupação da comunidade acerca do fluxo migratório para Uberlândia.

Palavras-Chave: Trabalhadores, Cidade, Favela, Migração.

ABSTRACT

City in movement: workers' experience – migrants in the slums of Anel Viário and Bairro Lagoinha in Uberlândia-MG (1990-1997)

This article suggests to reflect about migrates workers that live Anel's and Lagoinha's shantytown. It will be described of his experience, life's trajectory what do they think about the city and what the newspapers registered how wove community white the migratory flood to Uberlândia.

Key-Words: Workers, City, Shantytown, and Migration.